



Comunicação oral: Eixo 5 - Ensino Superior

PANDEMIA, UNIVERSIDADE E SOCIEDADE: UM OLHAR SOBRE A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA A PARTIR DE UM CURSO DE EXTENSÃO

Lucas Barroso¹

Resumo: O atual período pandêmico evidenciou a urgência do papel social das Universidades Públicas, representado pela Extensão, que se popularizou. O presente artigo tem como objetivo analisar e catalogar definições de alunos(as) sobre a Extensão Universitária, em contexto de realização de um curso remoto de extensão. Essa pesquisa foi constituída a partir de um estudo de caso, realizado com 44 educandos que participaram desse curso, tendo a metodologia de análise do conteúdo como ferramenta analítica dos dados recolhidos. Os resultados mostraram a cacofonia social acerca da própria significação, do papel e da importância desse importante pilar do Tripé Universitário. Por meio dessa investigação, é possível compreender como a Extensão Universitária pode ser representada socialmente. A partir dessa compreensão, visa-se incentivar a promoção de interações verdadeiramente transformadoras entre a Sociedade e a Universidade.

Palavras-chave: Curso de Extensão. Ensino Superior. Educação a Distância.

Introdução

Com a suspensão das atividades presenciais nas universidades devido à pandemia do novo coronavírus², as instituições tiveram que adotar planos emergenciais para enfrentar a situação, readequando as atividades presenciais para o formato remoto. Nesse contexto, a função social das universidades públicas foi destacada, seja na produção de vacinas ou no enfrentamento de desafios sociais emergentes.

A intensificação da crise pandêmica, especialmente afetando camadas mais vulneráveis (ODA; LEITE, 2020), levou a novas demandas e incertezas no espaço público. A Extensão Universitária, porém, emergiu como um instrumento crucial para lidar com esses desafios, seguindo na promoção de interações entre a comunidade científica e a sociedade civil, a partir de contribuições mútuas durante a pandemia.

A virtualização emergencial da Educação provocou uma reformulação na Extensão Universitária, suscitando reflexões sociais sobre esse pilar do Tripé Universitário, composto

¹ Mestrando em História Social pelo Programa de Pós-graduação em História Social (PPGHIS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Também é licenciado em História pela Universidade Candido Mendes (UCaM) e bacharelado em História também pela UFRJ. ID Lattes: <http://www.lattes.cnpq.br/8481113958603388>. ID Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1853-3289>.

² A pandemia da COVID-19, iniciada em dezembro de 2019, marcou um ponto de inflexão na história, impactando globalmente a sociedade e a educação. O fechamento de escolas e a adoção do ensino remoto em larga escala trouxeram desafios inéditos, expondo desigualdades sociais e exigindo adaptações urgentes.



por ensino, pesquisa e extensão. A superação de barreiras geográficas físicas pelo Ensino Remoto trouxe à tona antigas e novas significações sociais sobre a Extensão na esfera pública.

Para democratizar e emancipar os sujeitos em tempos contemporâneos, é essencial que os espaços universitários compreendam e reflitam sobre as significações sociais atribuídas à Extensão Universitária. O presente estudo, portanto, tem como objetivo analisar definições de alunos externos à universidade sobre a Extensão, por meio de um curso remoto de extensão.

O curso em questão propôs a oferta de conhecimentos e habilidades relacionados ao cuidado de crianças e adolescentes para além do ambiente acadêmico, estabelecendo uma conexão direta entre a instituição de ensino e a sociedade. Ao abordar aspectos teóricos e práticos do cuidado, políticas públicas e questões sociais, o curso buscou qualificar os participantes e promover um engajamento mais profundo com a comunidade.

O objetivo do trabalho é analisar e categorizar as definições de alunos externos à universidade sobre o conceito de Extensão Universitária, obtidas por meio desse curso remoto de qualificação. A análise se concentra nas definições fornecidas pelos alunos, visando entender como estava sendo a percepção do público não-acadêmico acerca desse pilar universitário, tendo como cenário a pandemia da COVID-19 e o processo de virtualização da vida social.

Fundamentação teórica

No final do século XIX, as primeiras ações de Extensão Universitária na Europa ocorreram na Inglaterra, sendo popularizadas e adotadas por outras universidades europeias. Posteriormente, nos Estados Unidos, a prática foi estabelecida pela “American Society for the Extension of University Teaching” em 1892 (MIRRA, 2009).

Ao longo dos anos, a Extensão Universitária recebeu diferentes significados, dentro das nuances conceituais mobilizadas por Paulo Freire (2006). De forma crescente, são elas: a 1ª) “extensão de serviços”, a partir de uma transmissão verticalizada do conhecimento universitário, experienciada por meio de cursos de curta duração, por exemplo; a 2ª) “extensão voluntarista”, com atuação meramente assistencialista e filantrópica; a 3ª) “extensão sociocomunitária institucional”, a partir de sua institucionalização centrada em um caráter de redenção da ignorância; e a 4ª) “extensão acadêmico institucional”, instrumentalizada por meio do diálogo, da democracia, do reconhecimento do outro e da construção conjunta de saberes.



No Brasil, a atual Extensão, alinhada ao quarto matiz conceitual de Freire (2006), valoriza saberes universitários e populares, promovendo uma formação conjunta. Essa abordagem busca a democratização e emancipação dos espaços e sujeitos sociais, conforme defendido por Santos (2004). A Extensão Universitária, como representação da dimensão social da universidade, visa estabelecer uma relação efetiva entre acadêmicos e a comunidade externa, contribuindo para a intervenção em problemas sociais e promovendo a diminuição de desigualdades sociais, o combate à exclusão e o estímulo à formação cidadã e profissional engajada socialmente.

Metodologia

A pesquisa proposta neste artigo está baseada em uma abordagem qualitativa (AIRES, 2011), assentada em um estudo de caso (YIN, 2005), em virtude do objetivo de examinar e categorizar definições de alunos(as) acerca do conceito de Extensão Universitária, por meio da proposição de um formulário semiestruturado a partir de um formulário anônimo e virtual.

Para tratar e analisar os dados obtidos, foi utilizada a metodologia de análise de conteúdo (BARDIN, 2011), em que recorreram cinco principais unidades de registros, contribuindo para classificar os dados e colaborando para a percepção das significações em torno dos matizes conceituais mobilizados por Paulo Freire (2006).

A pesquisa foi conduzida durante um curso remoto de qualificação oferecido por um projeto de extensão de uma universidade federal no Rio de Janeiro. O curso, intitulado “Qualificação para o Cuidado de Crianças e Adolescentes”, ocorreu entre abril e dezembro de 2021 em resposta à virtualização emergencial da educação devido à pandemia da COVID-19. O objetivo era qualificar e sensibilizar sujeitos sociais na arte do cuidado, com ênfase na saúde da população infantojuvenil. A ação envolveu 29 sessões sincrônicas, coordenadas, com a participação de professores convidados e suporte técnico de monitores.

O curso, centrado em Nova Iguaçu, recebeu mais de 280 inscrições de diversas regiões do Brasil. Os critérios de seleção priorizaram residentes locais e aqueles não inseridos no mercado formal de trabalho. O corpo discente final foi composto por 75 participantes, incluindo estudantes e profissionais de diversas áreas. A maioria foi composta por mulheres entre 20 e 62 anos, com formação educacional variada, incluindo ensino superior.

Do total de participantes, 58 (designados, neste trabalho, por A_i , com $i = 1, \dots, 58$) concluíram o curso e foram objeto de análise nesta pesquisa. Os resultados desta pesquisa



derivam das respostas obtidas por meio de um formulário de satisfação do curso, obrigatório para a emissão do certificado de conclusão. Os participantes responderam a um questionário semiestruturado, refletindo sobre suas experiências no curso e a função da universidade na Extensão Universitária.

Resultados e análise

Dos 58 alunos que concluíram o curso, 74,1% afirmaram compreender o que é a Extensão Universitária, enquanto 25,9% não tinham essa compreensão. Além disso, 44,8% admitiram desconhecer a ação de Extensão antes do curso. A coleta de definições escritas, realizada após esses dados, revelou que 44 alunos expressaram suas próprias interpretações sobre a Extensão Universitária.

Cada uma dessas categorias apresentou diferentes perspectivas sobre a Extensão. Ao analisar as narrativas dos alunos, foram identificadas seis unidades de análise: Universidade, Conhecimento(s), Comunidade, Curso(s), Complemento e Sociedade que estão definidas a seguir:

“Universidade” é a categoria se refere às respostas que vincularam a Extensão a um protagonismo universitário.

Quanto à “Conhecimento(s)”, seja no singular ou no plural, esta categoria se relaciona às respostas que atrelaram a Extensão a uma ideia concebida de saber, seja em uma via de dialogicidade entre os sujeitos ou não.

Já “Comunidade” contém narrativas relacionadas à ideia de comunidade como público-alvo de ações de extensão, sobretudo a partir de uma noção de passividade.

“Curso(s)” se refere à ideia de extensão universitária como meramente um curso de aperfeiçoamento profissional.

“Complemento” se refere às respostas que relacionaram a Extensão como um suplemento de aperfeiçoamento de conhecimentos tidos previamente, sejam eles adquiridos nos espaços populares ou acadêmicos.

Por fim “Sociedade” vincula a extensão à dialogicidade, ao contato e à interseção entre a Universidade e a Sociedade.



Visando exemplificar as unidades temáticas supramencionadas, destacamos, na Tabela 1, algumas narrativas dos alunos.

Tabela 1 - Narrativas dos alunos acerca de suas definições de Extensão Universitária.

O QUE SERIA A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA PARA VOCÊ?
UNIVERSIDADE
A₃ : “Aprendizado que irá complementar o que foi aprendido na Universidade.”
A₁₃ : “A Universidade saindo de si e impactando a sociedade.”
A₃₇ : “É levar a Universidade além dos seus muros, é articular os diversos saberes a fim de agir em busca de uma transformação.”
A₄₀ : “Momento em que o curso extrapola os muros acadêmicos da Universidade, integrando ensino, pesquisa e extensão.”
A₁₆ : “A Extensão Universitária é a ação da Universidade, compartilhar o conhecimento adquirido pelo ensino e da pesquisa desenvolvidos na instituição.”
A₁₉ : “É uma forma da universidade atingir a comunidade externa.”
A₃₃ : “Compartilhar conhecimento adquirido com a comunidade.”
A₃₄ : “Ação entre a Universidade e a comunidade, por meio de ensino e pesquisa.”
A₄₁ : “Projetos da universidade de conhecimento e de intervenção na comunidade.”
CONHECIMENTO(S)
A₆ : “São conhecimentos acadêmicos extras e enriquecedores, que ocorrem durante e pós formação.”
A₈ : “É o compartilhamento do conhecimento adquirido por meio de pesquisas nas instituições.”
A₄₂ : “Troca de conhecimento [...]”
COMUNIDADE
A₁ : “Compartilhar saber fora do ambiente acadêmico, para a comunidade.”
A₂ : “É a ação da universidade junto com a comunidade [...]”
A₄₃ : “Extensão é a universidade sair das suas próprias paredes e estar a serviço diretamente da comunidade fora do ambiente acadêmico [...]”

A₂₅ : “Ampliar conhecimento e talvez um projeto na instituição.”
CURSO(S)
A₇ : “A universidade proporcionar cursos para comunidade escolar e população em geral.”
A₂₁/A₃₀ : “Cursos extracurriculares.”
A₂₄ : “Algo que se estende a um curso acadêmico, uma atualização.”
A₃₅ : “São cursos complementares ao currículo da faculdade.”
COMPLEMENTO
A₄ : “O curso de extensão permite que o aluno aprenda sobre um determinado [tema] abordado na unidade que não estava na grande curricular.”
A₁₁ : “A oportunidade de aprender ou se aprofundar em temas, que foram pouco ou não foram abordados durante a graduação.”
A₁₂ : “Aperfeiçoamento dentro de um tema que não foi abordado com ênfase durante a graduação. Uma atividade complementar.”
A₁₅ : “Agora eu sei que é uma continuação do aprendizado.”
A₁₈ : “Uma continuidade aos estudos.”
A₂₀ : “São cursos além do que é ensinado na Universidade, assuntos complementares.”
A₂₃ : “Especialização.”
A₂₇ : “Continuação do conteúdo.”
A₂₉ : “Um complemento dos estudos acadêmicos.”
SOCIEDADE
A₅ : “É a troca de saberes da universidade para a sociedade.”
A₉ : “Troca de saberes científicos e espontâneos.”
A₁₀ : “Comunicação entre universidade e sociedade, que tem como objetivo promover a troca de conhecimentos científicos e conhecimentos práticos.”
A₁₄ : “A troca de experiências entre a comunidade científica, representada por suas instituições, e a sociedade.”
A₃₆ : “É uma troca de saberes entre a universidade e a sociedade.”

A44: “Uma forma de devolver à sociedade aquilo que é produzido no espaço acadêmico, que é um local de acesso ainda privilegiado para maior parte da população.”

A17: “Seria um diálogo da instituição e a comunidade, sociedade com o intuito de alcançar a outros, com conhecimento.”

Fonte: Acervo do autor.

A partir da análise das narrativas dos inscritos e ouvintes do curso acerca de suas definições de Extensão Universitária, neste momento da pesquisa, verificou-se a frequência de unidades de análise similares nas essências de suas respostas, tais como: Universidade, com 20% de recorrência; Conhecimento(s), com 8%; Comunidade, com 9%; Curso(s), com 11%; Complemento, com 20%; e Sociedade, com 15%.

A análise das seis principais unidades de análise proporciona uma compreensão abrangente das percepções dos alunos sobre a Extensão Universitária em um curso específico. Essas unidades são cruciais para catalogar e classificar as experiências, considerando os matizes conceituais de Paulo Freire (2006), o que possibilita a identificação de demandas sociais implícitas ou explícitas.

Algumas definições associam a prática extensionista à oferta de “cursos extracurriculares” e de curta duração, remetendo a conceitos antigos de Extensão Universitária. Um grupo significativo de estudantes, representado por A4, A7, A20, entre outros, compartilha essa visão, destacando a ideia de oferecer cursos à comunidade como principal propósito.

Essas concepções refletem o primeiro matiz conceitual de práticas extensionistas de Freire (2006) conhecido como “extensão dos serviços”, caracterizado pela transmissão vertical de conhecimento universitário, sendo considerado antidialógico, efêmero e distante da realidade social. Destaca-se a visão de A22, que associa a Extensão à melhoria de habilidades técnicas para o trabalho, evidenciando uma perspectiva técnica e pouco transformadora da realidade, alinhada aos interesses capitalistas.

Chama atenção a definição de A39, que considera a Extensão como a academia devolvendo conhecimento à sociedade. Essa perspectiva, compartilhada por outros estudantes como A1, A8 e A44, revela uma interpretação historicamente elitista do espaço universitário, subestimando saberes populares. O uso do termo “devolver” por A44 indica uma transmissão verticalizada do conhecimento, alinhando-se aos matizes “voluntarista” e “sociocomunitário institucional” de Paulo Freire (2006).



Essas definições, marcadas por uma visão assistencialista e filantrópica, negligenciam o princípio constitucional de colaboração mútua e o caráter social de direitos na essência da Extensão Universitária. Essa relação reforça a ideia de transmissão verticalizada do conhecimento, destacando-se termos como “complementar”, “para a sociedade” e “devolver”.

Por outro lado, definições como as de A2, A9, A10, A14, A17, A26, A34, A36, A37 e A40 refletem princípios de colaboração, democracia e emancipação, alinhando-se ao quarto matiz conceitual de “extensão acadêmica institucional”. Destacam-se visões que promovem o diálogo e buscam uma transformação social, como expresso por A37.

De forma sintética, as relações supracitadas entre as definições expostas pelos(as) alunos(as) e os matizes conceituais da Extensão Universitária (FREIRE, 2006), estando acompanhados de um percentual de suas utilizações nas significações, estão expostas, a seguir, na Tabela 2.

Tabela 2 – Relação entre as definições e os matizes conceituais.

MATIZ CONCEITUAL	DEFINIÇÕES	PORCENTAGEM
Extensão de serviços	A ₄ , A ₇ , A ₂₀ , A ₂₁ , A ₂₂ , A ₂₃ , A ₂₄ , A ₃₀ , A ₃₂ , A ₃₅ , A ₃₉ , A ₄₂ e A ₄₃	31%
Extensão voluntarista	A ₁ , A ₃ , A ₅ , A ₆ , A ₈ , A ₁₁ , A ₁₂ , A ₁₃ , A ₁₅ , A ₁₆ , A ₁₈ , A ₁₉ , A ₂₅ , A ₂₇ , A ₂₉ , A ₃₁ , A ₃₃ , A ₄₁ e A ₄₄	45%
Extensão sociocomunitária institucional		
Extensão acadêmica institucional	A ₂ , A ₉ , A ₁₀ , A ₁₄ , A ₁₇ , A ₂₆ , A ₃₄ , A ₃₆ , A ₃₇ , A ₄₀	24%

Fonte: Acervo do autor.

A partir da Tabela 2, é possível perceber uma predominância dos três primeiros matizes conceituais da Extensão Universitária (FREIRE, 2006), presentes em 76% das narrativas dos(as) alunos(as), em detrimento do quarto conceito, que, de fato, rege a atual definição institucional de uma prática extensionista.

Considerações finais

O contexto da pandemia provocou reformulações no Ensino, destacando as Universidades Públicas como protagonistas sociais. A Extensão Universitária emergiu como estratégia para enfrentar isolamentos, mas, apesar do Ensino Remoto, persistiu uma cacofonia social sobre sua definição e importância. Um curso remoto de extensão revelou que 25,9% dos alunos



desconheciam a definição de Extensão Universitária, e apenas 24% alinhavam-se à visão dialógica preconizada pelo pilar.

Mesmo em meio à crise pandêmica, o impacto real das ações de Extensão na periferia do Rio de Janeiro esteve imerso em um descompasso entre as expectativas e os resultados. A análise de relatos indica que a perspectiva assistencialista e redentora prevaleceu, retirando a autonomia dos alunos e limitando o potencial transformador da Extensão. Essa representação social ainda prioriza o conhecimento universitário em detrimento dos saberes populares.

A concretização da definição teórica da Extensão, enfatizando sua inserção na comunidade, requer incentivo institucional e uma mudança na percepção dos universitários sobre seu papel. Ao engajar-se em iniciativas que promovam o diálogo e a troca de conhecimentos, os extensionistas têm o poder de impactar positivamente a comunidade. Parcerias sólidas com organizações locais são cruciais para ampliar o papel da Extensão.

A mudança de concepções equivocadas sobre a Extensão ocorre por meio de ações concretas e da divulgação das experiências dos extensionistas. É essencial comunicar os benefícios da Extensão, destacando seu papel prático e o engajamento com a comunidade.

A comunidade universitária, ao dialogar ativamente, contribui para uma sociedade mais justa e inclusiva, promovendo a troca de conhecimentos além dos muros universitários e impulsionando uma verdadeira transformação social.

Como extensionistas, temos o poder de mudar concepções errôneas em torno da Extensão Universitária por meio de ações concretas e da divulgação de nossas experiências. Ao participarmos de projetos de extensão, podemos demonstrar o impacto positivo que essas atividades têm na comunidade e como elas promovem a troca de conhecimentos e a transformação social.

Para abordar a integralidade com universitários, devemos ser sensíveis à preconceção social da extensão e buscar estratégias de comunicação que enfatizem seus benefícios, destacando como a extensão vai além do ensino e da pesquisa, envolvendo ações práticas e engajamento com a comunidade, contribuindo para o desenvolvimento humano e social de todos os envolvidos.



Dessa forma, a comunidade universitária tem o papel de, a partir do diálogo, desempenhar um papel ativo e compartilhado na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, incentivando a troca de experiências entre os conhecimentos populares e os valores na academia para além dos muros universitários, promovendo, assim, uma real transformação social.

Referências

- AIRES, L. Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional. Lisboa: Universidade Aberta, 2011.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2011.
- FREIRE, P. Extensão ou Comunicação. 13 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- MIRRA, E. A Ciência que sonha e o verso que investiga. São Paulo: Editora Papagaio, 2009.
- ODA, A. M.; LEITE, S. A pandemia de COVID-19 no Brasil: em busca de sentidos em meio à tragédia. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, v. 23, p. 467-473, 2020.
- SANTOS, B. A Universidade no Século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. São Paulo: Cortez, 2004.
- YIN, R. Estudo de caso: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2005.

